

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 3– março, 2015

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O CONSENTIMENTO INCONSCIENTE

Ierecê Barbosa¹

Ontem, uma ex-aluna de mestrado ligou para o meu celular e me convidou para almoçar. Acertamos o restaurante, a hora e firmamos o compromisso. Há cinco anos sem contato, fiquei muito surpresa ao vê-la. Penso que engordou uns 20 quilos, mas isso não foi o que mais chamou a minha atenção. Fiquei muito impressionada com os seus olhos tristes, sem brilho e uma voz pausada demais. Quem não a conhece poderia ser levado a pensar que ela possui algum déficit cognitivo. É obvio que não falei nada disso para ela, o meu esforço maior foi para ouvir o que tinha a contar, sem interrompê-la.

Ela disse-me que estava em doloroso processo de divórcio, a dor era tanta que precisou tomar remédio controlado. Como esse depoimento, já matei a charada da voz muito pausada, sem duvidas tratava-se de efeito colateral. Mergulhei em minhas lembranças e procurei nela resquícios daquela empresária de sucesso, estudiosa, belíssima, elegante, cheia de autoestima. Meu Deus! Como pôde tudo aquilo de bom ter desaparecido? Por que ela se permitiu? Por que não reagiu? Tive a sensação de que ela leu os meus pensamentos, pois, com sua voz passo a passo, falou que estava disposta a dar a volta por cima. Após essa última frase meus sentidos se ouriçaram: Opa, temos agora uma luz no fim do túnel, pensei. Engano meu, logo depois ela disse: ele ainda vai ficar lá em casa por um tempo, eu não posso por o pai dos meus filhos na rua. Percebi, então, que a armadilha da dependência afetiva estava armada e a caça era ela.

O que leva uma pessoa bem sucedida profissionalmente, sem problemas financeiros a continuar com um homem que a maltrata constantemente e que não faz a mínima questão de esconder as suas inúmeras amantes? A resposta não é tão simples assim, pois as causas são múltiplas.

Primeira, **o medo**. As certezas da modernidade sólida foram extintas, e, com isso o controle sobre os mundos social e natural perdeu sua força. Antes, a mulher era considerada apêndice do homem e depositava nele todas as suas inseguranças. Depois, ela ganhou autonomia e passou a gerenciar, junto com ele, os diversos mundos e papéis. Agora, homens e mulheres, sem o domínio sobre tudo que os rodeia (natureza, tecnologia, bem-estar social) buscam o apoio incondicional mutuo para enfrentar o medo advindo da insegurança constante, causadora da ansiedade generalizada. Observe, leitor, que o terreno é fértil para a co-dependência, uma espécie de jogo relacional patológico, desenvolvido na convivência familiar com o propósito de sobreviver aos dilemas, conflitos, situações estressoras ou perdas irreparáveis;

Segunda, **o sequestro da subjetividade**. Minha amiga teve sua subjetividade sequestrada e não se deu conta disso. Perdeu tudo aquilo que fazia dela uma guerreira. Contou-me, certa vez, que nasceu no interior e que sobreviveu a muitas enchentes, vivendo

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 3– março, 2015

sobre marombas juntamente com os pequenos animais que habitavam o seu quintal, pois as águas do rio invadiam a sua casa. Como uma pessoa com toda essa experiência de vida pode torna-se a sombra do marido? Esse processo é lento e cruel. Inicia-se com aquelas críticas diárias, pequenas proibições, imposições de limites e geralmente a mulher não percebe, pois a dependência afetiva já preparou bem o terreno, o alicerce está bem sedimentado;

Terceira, **o sofrimento como vício**. Pessoas que curtem o sofrimento, ou a tal da “sofrência” como querem alguns, são predispostas a sentimentos de autopunição e a atitudes de subestima. Para elas, fracasso anunciado é vício que se transforma em hábito e identidade. Pensei, com meus botões, que a terceira causa não estava em consonância com o perfil da minha amiga. Entretanto, no contexto das frustrações constantes e de adições generalizadas, o principio do prazer revela-se sem prazer algum e se reveste em seu oposto. Pelo seu relato, mais adiante, percebi a compulsão à repetição, pois as feridas saravam e sangravam várias vezes. Ora, sem a total cicatrização dessas feridas foi se construindo a figura da eterna vítima. Falou-me, de modo aberto e sincero, da sensação de vazio que sentia. Contudo, não conseguiu perceber que tal sensação é considerada pelos psicólogos e psicanalistas a versão contemporânea do sofrimento.

Eu poderia, com uma pouco mais de conversa, perceber outras questões, mas uma reunião em sua empresa encurtou o desabafo e ela se foi prometendo agendar um novo almoço. Percebi que ela parecia mais leve, o seu mundo interior estava mais vazio agora das coisas que intoxicavam o seu viver, um vazio proativo, que seria preenchido brevemente por uma esperança, um medo de viver mais controlado ou o compromisso com a reconstrução? Não sei. Só sei que estive frente a frente com uma mulher escolarizada, bem sucedida profissionalmente e que permitiu que sua subjetividade fosse sequestrada devido à dependência afetiva, uma agressão psicológica terrível que manipula o afeto do outro. O amor, como tudo na vida deve ser dosado. A violência implícita é pior que a explícita, suas marcas existem, estão lá, cravadas na alma, sem direito a fotografias para serem utilizadas como provas.

Entre no carro meio deprimida. Ver aquela amiga daquele jeito mexeu com o meu emocional. Dei a partida e devagarzinho fui saindo do estacionamento, quase imitando sua fala pausada. De repente, acelerei e segui meu rumo, mais animada. A mudança brusca ao conduzir o veículo foi oriunda de um processo cognitivo esperançoso, naqueles segundos constatei que o convite para almoço foi um pedido urgente de socorro e que só pede socorro àquela que quer se salvar.